

A RADIAÇÃO DO MEDO: O DISCURSO SOBRE O MEDO DAS ARMAS NUCLEARES EM EDWARD P. THOMPSON

MARIO MARCELLO NETO¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – mariomarceloneto@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo problematizar o estudo do medo na disciplina histórica História. Tendo em vista todas as relações sociais e culturais estabelecidas no mundo do pós-Segunda Guerra Mundial, fica evidente que após eventos como o Holocausto, as bombas atômicas lançadas sobre o Japão, as guerras civis sanguinárias na África, a Revolução Cultural Chinesa, as ditaduras na América, que o medo é algo que se tornou parte do cotidiano.

Seria possível considerar que a frase “viver na Guerra Fria é viver com medo” seria uma possibilidade interessante de se pensar o século XX. Neste trabalho propomos uma análise do medo em contextos diferenciados do que a grande parte dos livros de Ciências Humanas sobre o tema abordam. Problematizar o medo como forma de coerção e inserção das classes dentro de um panorama político maior é extremamente importante, porém não podemos considerar esta a única forma de atuação do medo na sociedade. Além de coagir, de ser produzido por uma elite ou por uma classe política, segundo SKOLL (2010), o medo tem uma função primordial não só em regimes de exceções e/ou ditatoriais. Em regimes democráticos e republicanos o medo exerce um poder de extrema importância, fazendo com que a partir do medo muitas pessoas pautem as suas atitudes, suas formas de ver o mundo e, principalmente, a forma como se relacionam com o tempo.

Por mais diversa e ampla que a História possa ser, ela se caracteriza por ser uma disciplina puramente empírica, portanto estudar um fenômeno tão abstrato quando o medo é algo completamente diverso e complexo. Para isso, é evidente recorrer a outras áreas de conhecimento que deem subsídio para a compreensão destes fenômenos. Para que se possa demonstrar as discussões teóricas que pretendemos abordar neste trabalho faremos um breve estudo de caso acerca do medo das armas nucleares proveniente do intelectual atuante no período denominado como “Segunda Guerra Fria” (HALLIDAY, 1989), que teve seu auge na década de 1980: Edward Palmer Thompson. O historiador inglês teve grande envolvimento com o medo das armas nucleares na década de 1980, portanto a análise de seu discurso ante ao medo proporcionado por estas armas torna este trabalho extremamente importante para a compreensão deste fenômeno.

Um dos primeiros historiadores a se dedicar ao estudo do medo é, certamente, Jean Delumeau que em 1978 lança o seu livro: “História do Medo no Ocidente: 1300–1800”. O historiador francês em questão, através da História das Mentalidades faz um percurso gigantesco pelo medo em períodos medievais e modernos. Focado principalmente por problematizar as relações entre a Igreja Católica Romana e as produções do medo. O autor embora tente manter relações com a psicanálise, fica evidente na sua narrativa a predominância de uma abordagem antropológica, de análise do comportamento humano presente através do que as fontes podem revelar, complementadas por uma interpretação única e particular sobre o evento.

Aliado a isso, o sociólogo Zygmund Bauman se dedicou a estudar o medo na era contemporânea. Sendo assim, o autor se dedica a explicar como o medo opera em Estados democráticos e pós-modernos. Para BAUMAN (2008) o medo pode ser classificado em dois tipos: 1) o medo primário, ou seja, aquele medo em seu sentimento puro, que versa sobre o medo da morte, da integridade física. É o medo direto ante a uma ação ou possível ação, sem intermediações. 2) o medo derivado, aquele medo do qual é postulado por sentimentos ou sensações outrem, ele é inculcado socialmente. Para que ele exista e se desenvolva não há a necessidade de uma ameaça eminente.

Para ele o medo é algo que existe sem o conhecimento da ação resultante, do que pode ter originado e o que pode causar tais ações. O temor trata-se de algo que se sabe qual será a ação contrária, as proporções e a incisão destas. Por isso, quando falarmos em medo das armas nucleares, podemos, também usar como sinônimo o temor das armas nucleares, afinal por mais que se imagine a destruição do mundo através das armas nucleares, não há como dimensionar se irá ser parcial ou total, sendo possível perambular entre os dois tipos definidos pelo autor.

2. METODOLOGIA

Falar em metodologia em Ciências Humanas é extremamente difícil, porém nossa forma de analisar os discursos de Thompson foi através da instrumentalização obtida pela psicanálise, ou seja, os estudos da psique, dos sentidos e dos temores humanos (no caso coletivo, mas transmitidos em um discurso individual), subsidiados principalmente na obra do historiador PETER GAY (1989). Além disso, temos em Michel de Certeau a base para uma análise do discurso historiográfico. CERTEAU (2002) alerta para que a “operação historiográfica” seja possível, deve-se atentar para o lugar de onde se fala, a instituição proveniente e o período em que se fala. Sendo assim, constituímos um arcabouço metodológico extenso para ser definido em poucas palavras, mas que nos dá subsídio para esta análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a metade final do século XX o mundo viveu, e ainda vive, sob o espectro das armas nucleares. Nos anos subsequentes ao lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, no Japão em 1945, em quase todo o Ocidente houve uma celebração simbólica, por se tratar de uma vitória da ciência (WEART, 1988). Ainda hoje, uma parcela da historiografia estadunidense representada por MADDUX (1995) tem esta tese como a sua premissa máxima. A defesa do uso das armas nucleares como algo necessário para evitar um mal maior foi (e em muitas partes ainda é) algo completamente aceitável.

Todavia, anos mais tarde do lançamento das bombas, com a reconstrução do Japão e da Europa, diversos intelectuais se voltaram a pensar o mundo de sua época e os perigos que aquelas armas poderiam causar para a humanidade. Vale ressaltar que devido ao caráter glorificante e científico que a bomba assumiu logo após a Segunda Guerra Mundial, sua produção no mundo inteiro foi considerada não só natural, como necessária para a sobrevivência diplomática. Sendo assim, a produção de armas nucleares aumentou em escala exponencial entre 1945 e 1980, segundo THOMPSON (1985).

Tendo em vista o risco eminente de extermínio da humanidade ao simplesmente disparar uma arma com a potência para destruir um país inteiro e quiçá o mundo, intelectuais engajados na luta política divulgam diversos manifestos e estudos acerca da temática. Neste trabalho, apresentarei brevemente três destes que se dedicaram, entre outras questões, a pensar o medo das armas nucleares no século XX. Mostraremos, com isso, como a articulação entre o medo das armas nucleares e os discursos destes intelectuais estão imbricados, ao ponto de demonstrarem que a história é, também, pautada pelo medo.

Para isso, é preciso recorrer ao trabalho da psicanalista inglesa Hanna Segal. A autora se dedica a estudar os motivos pelos quais os Estados-nações, mesmo após a Segunda Guerra Mundial e suas atrocidades continuam (e aumentam) seu caráter repressor e violento. Nesta perspectiva, poderíamos propor uma continuação do questionamento de SEGAL (1998) e perguntar: quais os motivos que levaram um mundo que presenciou o efeito de uma bomba atômica produzir tantas armas deste porte ainda nos dias de hoje?

Na tentativa de responder a essas perguntas, entramos nos meandros sinuosos nos quais a psicanálise pode nos levar para compreender a relação, ou obviedade, segundo JENKINS (2001), que a história não nos ensina nada. A relação do medo, segundo a autora supracitada, é uma relação de alteridade, ou seja, nenhum medo é homogêneo e abrange a sociedade inteira. Neste sentido, no Japão, logo após os ataques com as armas nucleares, o medo destes artefatos seria extremamente elevado. Todavia, o mesmo artefato, nos Estados Unidos era motivo para comemoração. Sendo assim, antes de falarmos em um medo das armas nucleares, é preciso ter em mente quando e onde estamos falando, para evitarmos o risco de cairmos em generalizações.

Nesta perspectiva, destacamos, primeiramente os textos de Edward Palmer Thompson, conceituado historiador inglês, que em meados da década de 1980 se afasta da produção historiográfica em virtude do crescente medo com relação as armas nucleares no Reino Unido. Thompson integra, neste período, ao movimento pacifista, e assumindo a responsabilidade de ser o grande estandarte e porta-voz do movimento na Inglaterra escreve dentre outros dois notáveis manifestos onde podemos observar a construção e a dispersão deste medo.

Primeiramente publica “Protest and Survive” em 1981, no qual o título já faz uma alusão entre a necessidade de protestar para sobreviver. O que Thompson mais frisava naquele momento era a necessidade de termos em mente que independentemente de capitalismo ou socialismo, apenas um botão poderia acionar um míssil nuclear e exterminar a humanidade. A tensão tão grande quanto a esta temática pode ser percebida em outros setores sociais como o cinema de Stanley Kubrick ou a literatura de Philip Dick.

Thompson aprofunda ainda mais a sua tese em 1985, quando publica o seu famoso (e traduzido para o português) artigo “Notas sobre o exterminismo”. Tal artigo, diferentemente do que poderia se imaginar, não fala sobre o extermínio concreto, baseado em empirismo, algo que Thompson sempre defendeu em seus trabalhos anteriores. O exterminismo que Thompson aborda versa sobre a clara possibilidade de extinção da humanidade pelas armas nucleares. A fim de enfrentar de frente o problema, THOMPSON (1985) além de utilizar-se da história contra factual (e se) faz um chamado para que se abandone a ideia de “classe” tão defendida por ele em seus trabalhos anteriores e adotasse a ideia de “humanidade”. Segundo o autor não haveria classes sem a humanidade, e se todos não se unissem, a humanidade era se autodestruir.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, este trabalho pode concluir que as relações entre a história e a psicanálise, como já apontava GAY (1989) são extremamente importantes para se conhecer mais a fundo fenômenos abstratos como o medo. No caso da obra de Edward Thompson durante a década de 1980, vemos um claro medo das armas relacionado com a possibilidade evidente de aniquilação. Neste nível, o que Thompson militava, embora não utilizasse esses termos, era para uma conscientização de que o medo das armas nucleares não era um medo derivado, como afirma BAUMAN (2008). O medo proveniente dos artefatos nucleares é um medo primário, que oferece risco integral a vida humana. Embora o autor tenha recuado em sua posição após a Guerra Fria, as armas nucleares ainda estão em vigência, sendo testadas e muito discutidas no mundo inteiro. O medo, como sabemos, ainda persiste. Talvez em menor grau do que quando Thompson escreveu, mas está em exercício.

Fica evidente, que a noção de “pulsão de morte”, de SEGAL (1998), traz consigo um significado importante para este trabalho, uma vez que segundo a autora tal pulsão é a manifestação do inconsciente coletivo dentro de uma coletividade que a legitime. Sendo assim, o inconsciente belicista e nuclear ainda está vivo. O que falta (e faltou durante a década de 1980) foi uma legitimação de uma parcela social a este tipo de “pulsão de morte”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Editora Forense Universitária, 2002.
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- HALLIDAY, Fred. **Génesis de la Segunda Guerra Fría**. Tlalpan, México: F. C. E., 1989.
- JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MADDOX, Robert. **Weapons for Victory: The Hiroshima Decision Fifty Years Later**. Columbia: University of Missouri Press, 1995.
- SEGAL, Hanna. **Psicanálise, Literatura e Guerra**: artigos, 1972-1995. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- SKOLL, Geoffrey. **Social Theory Fear: terror, torture and death in a post-capitalist world**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- THOMPSON, Edward. Notas sobre o exterminismo. In: THOMPSON, Edward et al. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Braziliense, 1985.
- THOMPSON, Edward; SMITH, Dan (Org.). **Protest and Survive**. New York: Monthly Review Press, 1981.
- WEART, Spencer. **Nuclear Fear: a history of images**. New York: Harvard University Press, 1988.